

## AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA: A MEMÓRIA DAS MULHERES BENZEDEIRAS DO QUILOMBO DE MUMBUCA-BA

ISABELA DE JESUS GOMES<sup>1</sup>

MARISA OLIVEIRA SANTOS<sup>2</sup>

ANA ELIZABETH SANTOS ALVES<sup>3</sup>

É importante expandirmos o movimento da história e colocarmos o quilombo no campo da luta, da resistência, da disputa de territórios materiais e imateriais, como também na sua mobilização dos movimentos sociais negros (Santos, 2012 e Calheiros e Stadtler, 2010), onde por meio de ocupação dos espaços historicamente negligenciados delineiam um local de resistência do povo preto, como assim reforça a identidade.

Sem querer uma abordagem homogeneizante a respeito dos quilombos no Brasil, Moreira (2019) enfatiza ser importante entender que os quilombos não nascem como territórios uniformes, cada quilombo é autor de sua identidade. Nesse sentido, cunham o conceito de cultura reafirmando, assim, o quilombo como espaço de formação de identidade tanto social quanto política, e de afirmação étnica por meio de seus modos de vida e da memória dentro desse cotidiano.

Parafraseando Halbwachs (2003), entende-se que a memória traduz um tempo, á considerando no vivido, onde o grupo toma consciência de sua identidade. Seguindo essa linha interpretativa, Santos (2021) afirma que a memória não deve ser entendida como algo inteiramente pessoal, posto que ela é fruto das experiências coletivas ou da relação com o outro, no tempo e espaço.

Para o estudioso Le Goff (1996), a memória étnica e coletiva é uma característica das sociedades que não dominam a escrita, ou seja, o saber das benzedeadas pode ser associado a esse conceito apresentado pelo autor por ser um agente da transmissão dos saberes produzidos que percorre gerações e afirmam seu pertencimento étnico da comunidade.

A memória age dentro das comunidades tradicionais como responsável pela perpetuação ou manutenção de saberes que são transmitidos e praticados entre várias gerações. Dentre tantos saberes constituídos, o presente trabalho pôs em destaque, o conhecimento acervado na pessoa das benzedeadas, que conforme Souza (2002) é um importante elemento a ser considerado na cultura popular do Brasil, pois passado geracionalmente por intermédio das rezas e ritos no quilombo age como delimitação identitária.

A pesquisa está em construção e faz parte das atividades de iniciação científica desenvolvidas pelo Grupo de Estudo e Pesquisa História, Trabalho e Educação do Museu Pedagógico UESB. Pelo aproximar do campo empírico e dos instrumentos

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, Bolsista CNPq de Iniciação Científica. E-mail: isabellegomes295@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Memória, Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas (DCSA). Membro do Museu Pedagógico (UESB) e Membro Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em História, Trabalho e Educação (Museu Pedagógico - UESB). ID ORCID <https://orcid.org/0000-0001-6413-142X>. E-mail: momarisa@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Professora do PPGMLS/UESB. Coordenadora do Grupo de Estudos de História, Trabalho e Educação do Museu Pedagógico da UESB. ana\_alves183@hotmail.com

de pesquisa, detecta a benzedeira como mulheres detentoras de um saber popular ou tradicional inserido e diluído no cotidiano da vida da comunidade quilombola de Mumbuca.

Entendemos, nesse sentido, que as benzedeiros contribuem para valorização cultural e identitário do quilombo, pois atuam dentro de um imaginário religioso possibilitando a preservação da memória da comunidade por intermédio da religiosidade e da manutenção da cultura local, permitindo que o conhecimento tradicional seja passado geracionalmente, auxiliando na preservação e continuidade da identidade quilombola da comunidade, dos costumes, dos saberes não-escolares, das crenças ou do modo de vida do quilombo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALHEIROS. Felipe Peres. STADTLER. Hulda Helena Coraiara. **Identidade Étnica e Poder: os quilombos nas políticas públicas brasileiras**. Rev. Katál. Forianopolis v. 13. p. 133-339 jan./jun. 2010

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4 ed. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1996.

SANTOS. Marisa Oliveira. **Titularidade da memória: breves notações acerca das contribuições de Maurice Halbwachs e Paul Ricoeur**. Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas e-ISSN: 2358-1212 1ºpg: 19 pgs: 12 Ano XVIII Volume 18 Nº 32 jul./dez. 2021

SANTOS. Renato Emerson. **Quilombos**. Dicionário de Educação do Campo. Ed. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio Expressão Popular, 2012. p. 650-657

SILVA. Cláudia Santos da. **Rezadeiras: Guardiãs da Memória**. V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 27 a 29 de maio de 2009 Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

SOUZA. Grayce Marye Bonfim. **A Benzedura: da descoberta a legitimação do dom**. Revista Memória Conquistense, 2002. Vitória de Conquista, p. 95-120.

MOREIRA, Ramom Pereira de Jesus. **A Memória da escravidão e a construção da identidade dos grupos que compõem a comunidade quilombola de Helvécia (2000-2018)**. Dissertação (Mémória: Liguagem e Sociedade). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, p.121, 2019.